



COINTER PDVAgro 2020

V CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Edição 100% virtual | 02 a 05 de dezembro

ISSN:2526-7701 | PREFIXO DOI:10.31692/2526-7701

CONJUNTURA DO MERCADO DA BORRACHA NO BRASIL E NO ESTADO DO PARÁ NO PERÍODO DE 1999 A 2018

CONJUNCIÓN DEL MERCADO DEL CAUCHO EN BRASIL Y EL ESTADO DE PARÁ DE 1999 A 2018

CONJUNCTURE OF THE RUBBER MARKET IN BRAZIL AND THE STATE OF PARÁ FROM 1999 TO 2018

Apresentação: Pôster

Heloise de Sousa Castro¹; Eduarda Emilia Magalhães Cristovão²; Alice de Paula de Sousa Cavalcante³; Fabrício Khoury Rebello⁴

INTRODUÇÃO

A produção de borracha na Amazônia brasileira, entre 1879 e 1912 e na Segunda Guerra Mundial, colocou a economia nacional em evidência no cenário internacional, contribuindo para grandes transformações ocorridas a partir da Revolução Industrial, por estar na base de muitos inventos que se constituíram em grandes avanços para a época, nas mais diversas áreas, tornando seu uso indispensável no mundo moderno (REBELLO & HOMMA, 2017). Pontes (2014) e Rebello & Homma (2017) afirmam que as três décadas de produção da borracha antes do fim do monopólio, compreendida desde a chegada dos primeiros desbravadores até a formação dos seringais, foram marcadas por verdadeira epopeia as quais abrangem a migração nordestina responsável pela mão de obra nos seringais amazônicos, estabelecimento dos sistemas de aviação (instituindo a relação patrão/empregado ou seringalista/seringueiro), até a biopirataria promovida pela Inglaterra que introduziu a produção de borracha em suas colônias na Ásia, culminando com o declínio da produção brasileira.

No estado do Pará o ciclo da borracha teve grande importância econômica, pois propiciou a criação dos portos para atender a demanda crescente e facilitar o escoamento da produção tendo um papel primordial no desenvolvimento de toda a Amazônia, uma vez que

¹ Engenharia Florestal, Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), heloisedesousacastro@gmail.com

² Engenharia Florestal, Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), eduardamaga30@gmail.com

³ Agronomia, Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), alicecavalcante@yahoo.com

⁴ Prof. Dr. da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Belém (PA), fabriciorebello@hotmail.com

CONJUNTURA DO MERCADO DA BORRACHA NO BRASIL E NO ESTADO DO

facilitou o acesso às cidades mais afastadas na floresta. A partir de 1850, a exportação de borracha passa a se intensificar e Belém se transforma num centro exportador do látex, assim como distribuidor de outros produtos, desde utensílios até equipamentos, tratava-se de um centro comercial muito ativo, mas não possuía indústrias - importava-se de tudo (TEIXEIRA, 2005).

Análises sobre o mercado da borracha natural realizadas pela Companhia Nacional de Abastecimento (PENNACCHIO, 2019) revelam que a cadeia produtiva brasileira tem enfrentado um período conturbado, reflexo da conjuntura mundial de grande oferta do produto, principalmente pelos países asiáticos (responsáveis por cerca de 90% da produção global) situação que vem provocando forte depressão nos preços e, conseqüentemente, prejudicando a competitividade da borracha nacional.

Neste artigo, desenvolve-se uma análise da conjuntura nacional e paraense da produção de borracha, considerando o período de 1999 a 2018, como forma de contribuir com informações sobre produção e comercialização desse produto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O mercado global de produtos de borracha depende em grande parte da borracha natural como fonte de matéria-prima. Segundo Leão (2000) e Rebello & Homma (2017), o Brasil tornou-se o maior produtor mundial da borracha natural e passou a abastecer o comércio internacional no período de 1879 a 1912 e, pontualmente, na Segunda Guerra Mundial para abastecer os aliados. Entretanto, a partir de 1912, as exportações brasileiras foram substituídas continuamente, até serem paralisadas no final dos anos 1940 (PEREIRA et al., 2000).

Desse modo, pode-se inferir que a borracha seguiu o ciclo econômico do extrativismo relatado por Homma (2014) no qual se configura em três fases distintas: i) expansão, com aumento na extração, quando os recursos naturais se transformam em recursos econômicos impulsionados pelo crescimento da demanda; ii) estabilização, dá-se quando o recurso atinge o limite da capacidade de oferta natural; e, iii) declínio, caracteriza-se pelo esgotamento das reservas e aumento da demanda, indicando a necessidade de se iniciar a domesticação e o plantio da cultura. Muitos agroextrativistas na Amazônia, no entanto, ainda se encontram na segunda fase do ciclo, com a adoção do sistema de manejo.

METODOLOGIA

Através de revisão bibliográfica estudou-se pontos revelantes a cerca da conjuntura da

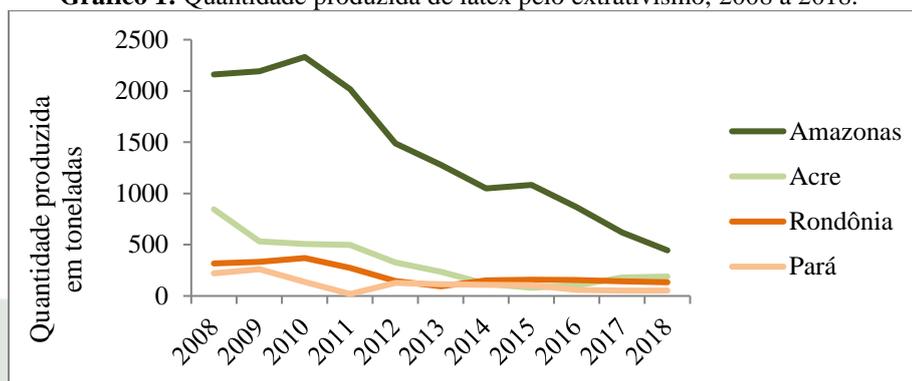
economia da borracha no mercado internacional, particularmente considerando a situação do estado do Pará. A fim de melhor compreender a dinâmica de produção foi realizada uma análise dos dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio da plataforma SIDRA, acerca da quantidade produzida em toneladas, área colhida em hectares e valores de produção da cultura para o período compreendido entre os anos de 1999 e 2018. Os dados levantados foram sistematizados e analisados no Microsoft Excel, versão 2010.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No panorama mundial, de acordo com estimativas da Associação dos Países Produtores de Borracha Natural (ANRPC), a produção de borracha cresceu a uma taxa média anual de 2,8%, entre 2017 e 2018, passando de 28,25 milhões de toneladas em 2017, para 29,04 milhões de toneladas em 2018 (PENNACCHIO, 2019). A borracha natural respondeu por 48,3% da produção mundial, em 2018, com 14,0 milhões de toneladas. Já a borracha sintética representou 52,7% da produção mundial (15,0 milhões de toneladas).

Quanto ao panorama nacional e regional, de acordo com dados do IBGE (2020), ao analisar a produção referente ao extrativismo, é possível observar que os estados do Amazonas, Acre, Rondônia e Pará, localizados na região Norte, e inseridos na Amazônia Legal, detém 93,83% da produção extrativa nacional para o ano de 2018, somando 821 toneladas de látex coagulado extraído do gênero *Hevea*. Houve, em uma série de 11 anos, queda na quantidade extraída e comercializada nos principais estados produtores (Gráfico 1), onde o estado do Amazonas, para o ano de 2018, representou 50,86%, metade do valor de extração nacional. Convém destacar que a produção nacional de látex pelo sistema extrativista (875 toneladas), para o ano de 2018, é insignificante (0,26%) diante da produção de cultivo (333.117 toneladas), conforme dados do IBGE (2020). A produção no Brasil tem sido prejudicada pelas sucessivas e contínuas quedas dos preços da borracha natural no mercado internacional, uma vez que os produtores asiáticos, formadores de preço do produto, estão com excedente de oferta (PENNACCHIO, 2019).

Gráfico 1: Quantidade produzida de látex pelo extrativismo, 2008 a 2018.



Fonte: IBGE (2020).

Ao se analisar os números das lavouras permanentes produtoras de látex coagulado, o estado de São Paulo lidera o mercado com 68,19% da produção nacional, seguido da Bahia (7,07%), Goiás (6,24%), Minas Gerais (5,29%) e Mato Grosso (4,86%). Dos 152.320 ha de área colhida em território nacional, os cinco maiores estados produtores representam 88,01% de toda a área. O Pará, nesse cenário, representa 0,39% do mercado, cerca de 1.288 toneladas produzidas no ano de 2018, com área colhida de 794 ha. Em 1990, a produção de borracha plantada ultrapassou a produção extrativa e, considerando a média do período 2012/2014, representou apenas 1,31% do total de borracha produzida (extrativa + plantada). Municípios paulistas, como Bálsamo, Barretos, Getulina, Mirassolândia, Monte Aprazível, Nhandeara, Olímpia e Tanabi, produzem mais borracha do que toda a Amazônia (COSTA et al., 2017). O modelo extrativismo, como apontado na tese de Homma (2014), não consegue atender a pressão do mercado.

O estado do Pará ocupa a nona posição do *ranking* da produção de látex a partir do sistema de cultivo, com uma produtividade de 1,62 toneladas/ha, metade do valor do estado de Pernambuco, possuindo área de produção equivalente, evidenciando que muito ainda se pode melhorar em relação à produção da cultura no estado. A liderança em termos de produção do estado de São Paulo pode ser explicada pelo incentivo de Programas de pesquisa na área de melhoramento genético. Segundo Gonçalves (2002), ao longo dos anos os melhoristas alcançaram altos ganhos na produção de clones para plantio proporcionando um aumento de até oito vezes na produção de borracha em relação à produtividade dos primeiros seringais e, já em 2001, o estado detinha 47% da produção nacional.

Além disso, pesquisas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) indicam a ocorrência de graves enfermidades fúngicas, como o mal-das-folhas que acomete a seringueira, muito comum na região Amazônica. No desenvolvimento de seringais no Planalto Paulista os plantios encontravam-se livres do mal-das-folhas e produzindo em bases

econômicas. Estava caracterizada a presença de área de escape da patologia, na qual a seringueira pode ser plantada e se desenvolver livre do ataque epidêmico do “*Microcyclus ulei*” que se propaga com mais facilidade em áreas úmidas como as da Amazônia, não obstante a presença do patógeno na forma endêmica (PINHEIRO et. al, 2002). Projetos como o “Novas tecnologias para a dinamização da produção da borracha no Amazonas” da EMBRAPA, buscaram o estabelecimento de viveiros e plantios de novas áreas de seringais com as cultivares de seringueiras resistentes ao mal das folhas, dando um passo inicial para tornar o Estado autossuficiente e novamente exportador de borracha natural.

A intensificação do plantio das culturas industriais na Amazônia, como constatam Costa et al. (2017), encontram em seus próprios ambientes condições restritivas para seu cultivo pela disseminação de doenças como o mal-das-folhas na seringueira, a *fusariose* nas pimenteiras-do-reino e o amarelecimento fatal nos dendezeiros. O sucesso e a retomada do protagonismo nessas culturas vão depender muito da capacidade de se equacionar essas questões. Não se pode esquecer que a demanda de borracha natural é grande no Brasil e que o País é um importador desse produto, abrindo-se uma grande oportunidade para o seu cultivo e processamento. Assim, faz-se necessário elaborar um Plano Nacional da Borracha, visando atingir a autossuficiência de sua oferta como enfatiza Homma (2014).

CONCLUSÕES

A cadeia produtiva da borracha no Brasil, especialmente no estado do Pará, carece de incentivo a pesquisas para contribuir com a expansão da produção de látex em sistemas de cultivos, principalmente para combater os problemas fitossanitários, como o mal-das-folhas, buscar por novas áreas de escape para plantio, bem como o melhoramento genético da espécie. A expansão do cultivo e o aumento na produtividade propiciariam a diminuição das importações brasileiras de látex, tornando o País competitivo no mercado internacional, fazendo usufruto de suas vantagens comparativas e criando vantagens competitivas para a produção. Na Amazônia, a heveicultura, entre outras atividades agrícolas modernas na linha da bioeconomia, poderia ser importante para ocupar áreas já desmatadas, representando, assim, efetiva oportunidade para o agronegócio regional. Iniciativas dessa natureza funcionam melhor do que as políticas ambientais isoladas no sentido de conservar e desenvolver áreas no bioma Amazônico.

REFERÊNCIAS

CONJUNTURA DO MERCADO DA BORRACHA NO BRASIL E NO ESTADO DO

COSTA, M. R. T. R.; HOMMA, A. K. O.; REBELLO, F. K.; SOUZA FILHO, A. P. S.; FERNANDES, G. L. C.; BALEIXE, W. **Atividade Agropecuária no Estado do Pará**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2017. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1073940/atividade-agropecuaria-no-estado-dopara>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

GONÇALVES, P. Uma história de sucesso: a seringueira no Estado de São Paulo. **O Agrônomo**, Campinas, 54 (1), 2002. Disponível em: <https://www.iac.sp.gov.br/publicacoes/agronomico/pdf/541_03pa72.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2019.

HOMMA, A. K. O. **Extrativismo vegetal na Amazônia**: história, ecologia, economia e domesticação. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2014. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/124809/1/Cap1.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção Agrícola Municipal (PAM)**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613#resultado>>. Acesso em: 17 set. 2020.

LEÃO, R. M. A. **Floresta e o Homem**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Pesquisa e Estudos Florestais, 2000. 448p. Disponível em: <<https://www.bibliotecaflorestal.ufv.br/handle/123456789/3418?show=full>>. Acesso em: 18 out. 2019.

PENNACCHIO, H. L. **Análise mensal: Borracha natural**. CONAB. 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/BorrachaZNaturalZ>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

PEREIRA, J. P.; DORETO, M.; LEAL, A. C.; CASTRO, A. M. G. V.; RUCKER, N. A. **Cadeia produtiva da borracha natural: análise diagnóstica e demandas atuais no Paraná**. Londrina: IAPAR, 2000. 85p.

PINHEIRO, E.; CONCEIÇÃO, H. E. O.; VIÉGAS, I. J. M.; PINHEIRO, F. S. V. **Estratégias para controle do mal-das-folhas (Microcyclus ulei H. Henn) V. Arx, na seringueira**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2002.

PONTES, C. J. F. O primeiro ciclo da borracha no Acre: da formação dos seringais ao grande colapso. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 1, n. 1, 10 dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/100/44>>. Acesso em: 18 out. 2019.

REBELLO, F. K.; HOMMA, A. K. O. **História da colonização do nordeste paraense: Uma reflexão para o futuro da Amazônia**. Belém: EDUFRA, 2017. 153p.

ROSSMANN, H. **Mercado mundial da borracha: panorama e tendências**. VI Congresso Brasileiro de Heveicultura. 2019. Disponível em: <http://congressodeborracha.com.br/palestras/Heiko.pdf>. Acesso em: 16 set. 2020.

TEIXEIRA, L. G. **The port of Pará: o porto da história da Amazônia**. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. 11, 2005. Salvador - Bahia. Disponível em: <<https://www.xienanpur.ufba.br/561p.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2019.